

10, 11 e 12 de novembro de 2025

POLITÉCNICO DO PORTO / ISCAP
PORTO - PORTUGAL

A DESPROFISSIONALIZAÇÃO E A BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL: NOTAS SOBRE O PAPEL DAS ASSOCIAÇÕES

Carlos Cândido de Almeida, Universidade Estadual Paulista (Unesp),
<https://orcid.org/0000-0002-8552-1029>, Brasil, *carlos.c.almeida@unesp.br*

Giovanna Teodoro Rosa, Universidade Estadual Paulista (UNESP), <https://orcid.org/0000-0003-1620-0261>, Brasil, *giovanna.t.rosa@unesp.br*

Exo: Perspectivas para a Profissão e Contributos das Associações Profissionais

1 Introdução

A biblioteconomia, como campo ocupacional e de conhecimento, tem enfrentado ao longo de sua história diversos momentos de crise. Muito antes do emprego dos computadores pessoais pelo cidadão comum para agilizar as tarefas rotineiras de busca e uso de informações, na primeira metade do século XX havia o receio de que o aumento da presença dos meios de comunicação de massa, especialmente rádio e cinema, como opção principal de consumo de informações e de lazer, debilitaria a frequência às bibliotecas e diminuiria a leitura de livros e periódicos impressos como a principal opção de acesso a informações precisas.

Na segunda metade do século XX, precisamente na década de 1970, o uso dos computadores na automação dos serviços de bibliotecas causou ainda mais *frisson*. Pensava-se que o trabalho de catalogadores, indexadores e de bibliotecários de referência ficaria em segundo plano e que os próprios computadores ficariam a cargo de todas as tarefas. Seria, então, o início da desintermediação.

Entre o final do século XX e início do século XXI, com o surgimento dos dispositivos de leitura de livros eletrônicos e o uso de celulares inteligentes, foi a vez dos edifícios das bibliotecas serem o alvo das atenções. Cogitava-se que não seriam mais necessários grandes prédios para abrigar as coleções de livros, uma vez que estes poderiam ser armazenados em um grande banco de dados. Por analogia, o mesmo se pensava da necessidade de profissionais bibliotecários nestes espaços. Com o suposto desaparecimento do atendimento de referência para ajudar a selecionar o material, a desintermediação parecia um processo já consolidado e irreversível, restando aos profissionais ainda em atividade adaptar-se e desenvolver competências agora associadas à conversão do usuário ao cibernaute, da sociedade à humanidade digital.

A êxtase dos apolögéticos - ou integrados na linguagem de Eco (2008) – chegou a seu ápice com a internet. O aumento do comércio eletrônico varejista, a compra de livros e outros artigos de primeira necessidade pela internet tornou-se facilitada e os metabuscadores conseguiram traduzir as necessidades de consumo e aproximar o público aos bens e serviços.

As informações utilitárias foram deslocadas das bibliotecas para a internet. Os buscadores com disposição categorial de informação (Altavista, Yahoo) tornavam possível o acesso a informações de interesse geral (telefones, mapas, endereços, sites de empresas, comércio e serviços) sem a ajuda de um bibliotecário para localizar os itens e facilitar o acesso ao conteúdo rapidamente. A inserção recente das ferramentas de inteligência artificial nas atividades diárias das pessoas e dos bibliotecários não mudaria em nada essa tendência, de um lado, de plena euforia e entusiasmo tecnológico, de outro, de uma depressão profunda quanto aos rumos das mais diversas profissões.

Nesse sentido, a Organização Internacional do Trabalho (2024) aponta que 26 a 38% dos empregos na região da América Latina e do Caribe podem estar expostos à inteligência artificial generativa e que 2 a 5% dos empregos correm risco de total automação.

Essa sucessão de eventos associados ao desenvolvimento tecnológico e os sentimentos antagônicos relacionados à incorporação das ferramentas inteligentes à vida diária, turvam uma leitura crítica da situação da profissão bibliotecária, especialmente no Brasil.

Os processos históricos e as forças políticas e econômicas que levaram a biblioteconomia a instalar-se e desenvolver-se em uma determinada região do planeta têm dependido de diversos fatores, alguns internos que dependem da própria profissão e outros externos, a saber: identidade cultural, projeto de nação, projetos econômicos, industriais e educacionais, recursos financeiros, físicos e humanos disponíveis, nível de leitura de uma população, estágio de educação formal da população, mercado de trabalho, concorrência entre as profissões, nível de organização da *intelligenzia* (grupos de intelectuais), grau de autonomia de suas elites frente a pressões internacionais etc.

Contudo, o processo de profissionalização, isto é, aumento da autonomia relativa do fazer frente a sociedade e a outras profissões,

e construção do monopólio sobre o conhecimento técnico e a reprodução dos quadros profissionais e do domínio sobre o sistema de credenciamento e de regulação do exercício da profissão, deve ser constantemente analisado da maneira mais objetiva possível tendo como base o exame de fatores externos e internos. Um desses fatores, que aqui se pretende analisar, é a diminuição das associações profissionais no Brasil, compreendida como fator interno por depender diretamente da organização da profissão. O que se quer não é criticar o desempenho e a atuação das associações ou de seus filiados, mas ao contrário, enseja-se levantar alguns pontos de reflexão sobre o que significa a diminuição das associações para a organização de um campo profissional.

Esta reflexão busca entender os indicadores internos que apontam para o aumento do processo chamado aqui de desprofissionalização. Em outras palavras, a tendência inversa à profissionalização, a perda de autonomia e de controle sobre o conteúdo do conhecimento privado à profissão e do núcleo de tarefas reconhecidas publicamente como de uma determinada ocupação.

2 As Profissões e o Conceito de Desprofissionalização

A desprofissionalização em um âmbito específico refere-se à perda ou diminuição da qualificação individual para o trabalho, comprometendo o envolvimento do profissional com a sua categoria. As razões seriam múltiplas: políticas econômicas neoliberais que tendem a neutralizar totalmente ou diminuir a autonomia das profissões, comoditificação dos conhecimentos técnicos devido a transferência de operações intelectuais e manuais às máquinas (como no caso da automação e do uso de ferramentas de inteligência artificial) etc. Para Maubant, Roger e Lejeune (2023, p. 36),

A desprofissionalização aparece, portanto, como o oposto da

profissionalização, na medida em que o que pode contribuir para a profissionalização da atividade laboral e/ou da formação pode, por sua vez, produzir situações ou processos de desprofissionalização.

No caso em questão, considera-se as associações profissionais como elemento organizador de uma profissão, argumentando que seu declínio representaria, pelos mais diversos motivos, um indicador de desprofissionalização, o qual se refere à defesa da autonomia frente a outras profissões e interesses no contexto da ecologia das profissões.

Para Abbott (1988), deve-se compreender o conjunto de profissões como um sistema complexo no qual a ação ou inação de uma profissão representa uma alteração no sistema. Nessa ecologia das profissões, uma determinada profissão não atuaria no vazio, mas interagindo constantemente com o desenvolvimento de outras profissões. Nesse sentido, profissões mais organizadas, tal como em uma associação, podem ter mais sucesso e estender a sua esfera de influência, garantindo assim mais reconhecimento público e autonomia junto à sociedade. Por outro lado, Freidson (1998) argumenta em termos de luta pelo monopólio do saber e da autonomia frente à sociedade e a outras profissões.

Especificamente no caso da biblioteconomia, pode-se aludir a um *macrossistema*, a um *microssistema* e a um *intrassistema*. O macrossistema é o espaço que envolve todas as profissões que interagem indiretamente com o campo da informação. O microssistema é o ambiente representado pelo grupo de profissões que interagem diretamente com a profissão (arquivistas, informáticos, museólogos etc.). Já o intrassistema seria o espaço de atuação dos agentes que atuam no interior da profissão (cientistas, líderes sindicais, representantes de classe, profissionais, suas organizações etc.)

No microssistema da biblioteconomia, representado pelo conjunto de profissões que

está próximo, no qual competem e colaboram diversos agentes a depender dos interesses do grupo, quando há ameaças externas que afetam a existência ou o grau de autonomia das profissões de arquivista, bibliotecários, museólogos, documentalistas etc., a tendência correta seria de colaboração e resistência mútua. Internamente, quando se pretende disputar espaço no mercado de trabalho da informação, estes agentes demonstram graus variados de especialização para competir para atender da melhor forma possível à sociedade.

Não obstante, o equilíbrio desse sistema não é uma constante e pode ser que o acirramento da competição interna fragilize os parceiros-concorrentes e limite a compreensão das reais ameaças vindas do macrossistema ou que podem estar no conjunto do sistema, isto é, em outras profissões e na própria sociedade.

A busca por manter e expandir o monopólio do conhecimento técnico pode afetar as profissões vizinhas e comprometer o microssistema, reduzindo a capacidade e a quantidade da força de trabalho no campo da informação para enfrentar ameaças externas. Denomina-se ameaça externa, mas não é um termo adequado. Neste caso, refere-se a profissões que colaboram e competem com bibliotecários, arquivistas, documentalistas e museólogos, isto é, administradores, informáticos, engenheiros, cientistas sociais etc.

Argumenta-se que as associações profissionais representam o mais elevado grau de organização dos profissionais para enfrentar desafios presentes no sistema das profissões, entre eles: capacitação pré-universitária ou universitária, especialização pós-universitária, regulação do exercício profissional, legislação, questões éticas e deontológicas, representatividade social, autonomia e reserva de mercado etc. Sem uma entidade organizadora, as forças do mercado podem levar mais rapidamente à diminuição do poder da profissão e facilitar o processo de desprofissionalização.

É veiculado nos círculos acadêmicos do campo da biblioteconomia afirmações que asseveram a essencialidade atemporal do campo. Em outras palavras, sustenta-se que “sempre houve bibliotecários e continuará existindo no futuro”, “a sociedade sempre precisará de bibliotecários”; “onde há informação, trabalhará um bibliotecário”, entre outros tantos mantras. A questão aqui é saber o grau de veracidade dessas afirmações ou se são apenas representações coletivas e ideológicas que ecoam apenas entre os profissionais. É preferível confiar em indicadores e dados objetivos.

Não se sabe ao certo quando uma profissão entra em declínio, mas presume-se que a retirada gradual de suas funções e tarefas possa ser interpretada como um início. Concretamente, a transferência das questões de referência apresentadas antes aos bibliotecários e agora para os sistemas *bots*, metabuscadores e ferramentas de inteligência artificial, pode ser considerado um indicador de que a atividade de referência está aos poucos sendo esvaziada. Assim como a referência, outras atividades e tarefas antes exclusivas de bibliotecários foram automatizadas e atualmente não se identificam com a figura do bibliotecário.

Com isso, a biblioteconomia é desestimulada a empreender especializações e aperfeiçoamentos em áreas já ocupadas por tecnologias (exemplo, buscar de informações utilitárias feitas atualmente ao Google e não mais a bibliotecas) ou outras profissões. Esse processo silencioso de abdicação de tarefas, compromissos e responsabilidade ante o usuário contribui para a desprofissionalização.

Se a desprofissionalização se manifesta por meio de formas ou processos de desqualificação ou desespecialização, isso afeta diretamente os conhecimentos profissionais, ou seja, os elementos necessários para agir com competência e negociar seu status e sua função na organização social.”(Maubant, Roger & Lejeune, 2023, p. 44)

Em contraste, pode ser argumentado que as tecnologias proporcionam um ganho de produtividade e um aumento do número de pessoas atendidas, realizando efetivamente a missão da profissão. Contudo, no mínimo, isto representaria um processo de comoditificação do conhecimento, ou seja, a transferência do saber técnico e sua reprodução externa sem o controle do sujeito. Os casos concretos seriam as tarefas de indexação, catalogação e gerenciamento de sistemas de bibliotecas, facilitados pelas ferramentas de inteligência artificial. É importante sublinhar que não se está negando a utilidade da tecnologia, mas constata-se a existência de um processo de mão dupla: ganha-se agilidade e amplitude de aplicação, mas com isso perde-se o domínio exclusivo sobre o conhecimento que, ao fim e ao cabo, representa o núcleo de qualquer profissão. O processo de comoditificação é silencioso e ocorre gradativamente transformando habilidades intrínsecas ao saber profissional a um conjunto de ações comutáveis e comercializáveis.

Os processos de desprofissionalização não apenas questionam o significado e as características do conhecimento profissional necessário para o desempenho do trabalho e das tarefas requeridas, mas tendem a modificar a relação com o trabalho e a atividade desenvolvida pelos trabalhadores, grupos profissionais e organizações. Essa relação está mudando e leva a considerar que determinadas atividades de trabalho ou determinadas tarefas não dependem mais do conhecimento que até então era considerado necessário, mas requer outros. A desvalorização do conhecimento profissional é consequência dos processos de desprofissionalização. Em tal processo, o trabalhador é desafiado a repensar os fundamentos de sua prática. (Maubant, Roger & Lejeune, 2023, pp.43-44)

Como se pode notar, quando o núcleo ou mesmo a periferia do sistema de conhecimento de uma profissão é desvalorizado pela sociedade, ele entra subjetivamente em um processo de desprofissionalização. Maubant, Roger & Lejeune (2023) apresentam uma ideia de desprofissionalização aplicada à esfera individual.

Por outro lado, deve-se perceber os seus efeitos em termos coletivos, isto é, como a soma da desvalorização do conhecimento ou da *expertise* de diversos profissionais de um campo pode levar à desprofissionalização coletiva. Essa forma de entender a desprofissionalização seria mais adequada para tratar do conjunto do problema da biblioteconomia no Brasil, a qual sofre coletivamente a desvalorização, mas se sustenta, grosso modo, por dispositivos legais que operam na regulação, fiscalização e controle da atuação da profissão.

Em termos individuais, a desprofissionalização representa um tipo de “demissão silenciosa”, isto é, falta de engajamento para exercer a profissão que pode ser notada na displicência com compromissos associados ao próprio trabalho.

Contudo, essa situação tem o efeito de abalar a identidade profissional, que sabemos o quanto se forja em e por uma identificação do trabalhador com os saberes profissionais mobilizados, bem como pela capacidade do trabalhador de dar sentido à aplicação desses saberes na sua atividade laboral.” (Maubant, Roger & Lejeune, 2023, pp.43-44)

Voltando ao ponto principal do argumento, as associações devem ser vistas como articuladoras da profissão frente aos desafios colocados pela desprofissionalização coletiva e individual. A ideia central pode ser resumida na seguinte expressão: *quanto mais existirem associações organizadas e preparadas, será mais fácil identificar as ações que levam à desprofissionalização e reverter o processo.*

A falta de associações organizadas e atentas às mudanças na ecologia das profissões – e não apenas atentas à adaptação da profissão ao mercado de trabalho – representa um indicador de desprofissionalização, tal como se defende aqui.

A seguir, tratar-se-á de fornecer um olhar sobre a situação brasileira no campo da biblioteconomia e inferir sobre algumas possíveis causas.

3 Ascensão e Declínio das Associações de Bibliotecários no Brasil: fator interno e indicador de desprofissionalização

Entende-se que a quantidade de associações não é mais importante que a sua qualidade representada pela capacidade de adesão do corpo de profissionais. O pressuposto básico é que as associações representam um motor crucial entre os fatores internos rumo à profissionalização e que seu declínio representa uma fragilidade que indica o aumento do processo de desprofissionalização. O objetivo da seção é mostrar o quadro atual das associações bibliotecárias no Brasil e entender o que pode ter levado à diminuição de seu papel na construção da profissão.

Para tanto, deve-se compreender que no Brasil, o sistema da profissão de bibliotecário é constituído de camadas de entidades profissionais que atuam, em alguns casos, na mesma esfera.

Almeida Júnior (1997) sistematizou de maneira clara o que se considera aqui a organização do intrassistema da profissão de bibliotecário. Para o autor (Almeida Júnior, 1997, pp. 116-117), o movimento associativo da área está dividido no Brasil em quatro grupos. O primeiro grupo está representado pelos conselhos que fiscalizam o exercício, como exemplos, o Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) e os Conselhos Regionais de Biblioteconomia (CRB). O segundo grupo é constituído pelas associações que trabalham para a atualização

profissional e inovação, como a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB) e as associações de bibliotecários estaduais e municipais. O terceiro grupo é formado pelos sindicatos que defendem a profissão em questões trabalhistas. O quarto grupo é representado por entidades vinculadas à formação profissional, como associações de escolas, organismos associativos de alunos, ex-alunos, centros e diretórios acadêmicos no âmbito das universidades.

À primeira vista, as linhas que dividem as tarefas parecem nítidas, mas na prática não funciona bem assim. Um exemplo foi a parceria do Conselho Federal de Biblioteconomia com a Universidade Aberta do Brasil, do Ministério de Educação, para a criação de cursos de biblioteconomia à distância. Não se trata de uma crítica à iniciativa, mas o reconhecimento de que as questões relacionadas ao ensino e à formação não foram promovidas pelas entidades do segundo grupo ou do quarto grupo, isto é, pelas associações de classe interessadas na qualificação dos profissionais ou pelas associações de escolas. A sobreposição de funções ou a duplicação de tarefas no intrassistema deve ser analisada em outro estudo porque responde à eficácia da organização da profissão.

No que se refere às associações de bibliotecários, no Brasil, pode-se considerá-las fundamentais para a história da profissão no Brasil. A primeira associação foi a Associação Paulista de Bibliotecários, fundada em 1938.

As funções das associações concentram-se em questões decisivas para a existência e a manutenção de uma profissão. Segundo Almeida Júnior (1997), uma associação deve atuar nas seguintes frentes:

- atualização profissional;
- luta e defesa da profissão;
- divulgação da profissão;
- ampliação do mercado de trabalho;
- defesa do profissional em termos de salário, mercado de trabalho,

condições de trabalho, status e dignidade do profissional;

- melhoria da profissão com respeito a instrumentos e locais de trabalho: recursos, luta contra censura, desenvolver novas técnicas e criação de grupos de estudo e trabalho;
- integração com outras associações, nacionais ou internacionais (Almeida Júnior, 1997, pp. 118-119).

Nota-se que a luta por salário, condições de trabalho e questões relacionadas ao mercado coincidem com tarefas de sindicatos. Ao passo que a preocupação com a formação profissional também encontra-se entre as razões de existência de associações de escolas.

Tanto as associações profissionais quanto às associações de escolas dependem da existência de cursos e de interessados pela profissão.

Somente para dar a conhecer a situação dos cursos de biblioteconomia no Brasil, foi realizado um levantamento em maio de 2025, através da plataforma E-MEC (<https://emece.mec.gov.br/emece/nova>), tal sistema o acompanhamento de instituições e cursos de nível superior no Brasil.

A plataforma indica 82 registros associados ao curso de biblioteconomia, sendo 36 cursos de instituições públicas federais, 8 de instituições públicas estaduais, 19 de instituições privadas sem fins lucrativos, e 19 de instituições privadas com fins lucrativos.

Dentre estes cursos, 48 são desenvolvidos em modalidade presencial, enquanto 34 têm seu oferecimento à distância. Por fim, 2 destes cursos encontram-se em processo de extinção, enquanto que 8 estão extintos e 72 ainda estão em atividade.

O primeiro curso de biblioteconomia à distância foi oferecido pela Universidade de Caxias do Sul - UCS, no ano de 2013. Em outras palavras, em pouco mais de uma década houve o aumento de 3.300% no número de cursos dessa modalidade.

Para compor o quadro das associações profissionais e sindicatos de bibliotecários do Brasil, realizou-se um levantamento em sites dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia (CRB-6, 2020; CRB-11, 2022), do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB, 2021), da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (FEBAB, 2025), e na literatura (Spudeit; Fürh, 2011; Santana; Nunes, 2017; Silva, 2019).

Criada em 1959 como Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB), atualmente Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições, a FEBAB tem como compromisso reunir as entidades e coordenar as atividades que fomentem as bibliotecas e seus profissionais (FEBAB, 2025).

Tanto a criação da primeira associação da categoria no Brasil, APB, em 1938, quanto a federação de associações, FEBAB, em 1959, podem ser consideradas pioneiras no contexto ibero-americano.

Em levantamento recente junto a FEBAB (2025), foram identificadas 11 associações estaduais vinculadas à federação. Contudo, ao longo da história do movimento associativo brasileiro no campo da biblioteconomia foram registradas 21 associações, sem considerar as associações de escolas (Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal - ABDF, Associação Paulista de Bibliotecários - APB, Associação Rio-Grandense de Bibliotecários - ARB, Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais - ABMG, Associação dos Bibliotecários do Ceará - ABCE, Associação Profissional de Bibliotecários de Mato Grosso do Sul - APBMS, Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba - APBPB, Associação Bibliotecária do Paraná - ABPR, Associação Profissional dos Bibliotecários do Paraná - APBPR, Associação de Bibliotecários do Estado do Piauí - ABEPI, Associação Catarinense de Bibliotecários - ACB, Associação Profissional dos Bibliotecários do Rio de Janeiro - APBRJ, Associação dos Bibliotecários do Estado de São Paulo - ABESP, Associação Profissional de Bibliotecários do Rio Grande do Norte - APBRN, Associação

Profissional dos Bibliotecários e Documentalistas de Sergipe - APBDSE, Associação de Bibliotecários do Espírito Santo - ABES, Associação de Bibliotecários e Documentalistas do Estado da Bahia - ABDEB, Associação dos Bibliotecários em Goiás - ABG, Associação Profissional de Bibliotecários de Pernambuco - APBPE, Associação Alagoana dos Profissionais em Biblioteconomia - AAPB, Associação Brasileira de Profissionais da Informação - ABRAINFO).

Como visto, na segunda metade do século XX, viveu-se o apogeu das associações de profissionais bibliotecários alcançando as 21 associações. Agora, pode-se afirmar que se presencia o seu declínio, pelo menos em termos quantitativos, com apenas 11 associações registradas na FEBAB. O contraditório é que o aumento do número de cursos não cessou desde então, isto é, haveria, em tese, mais profissionais entrando no mercado de trabalho, mas esse fenômeno não fomentou o incremento do número de associações. Esse fenômeno deve ser investigado em detalhe em outra pesquisa, isto é, verificar o número de titulados e a taxa de associados.

Como visto, a criação de associações profissionais data da década de 1930 e foi aumentando conforme o Estado brasileiro fazia-se mais presente em diversas regiões do país, através da instalação física de bibliotecas e de escolas profissionais. O desenvolvimento das associações está intrinsecamente ligado ao fortalecimento das escolas de biblioteconomia. Estas, por sua vez, capacitam os profissionais para atuarem em bibliotecas, qualificam o discurso científico da área e produzem uma massa de interessados que refletem sobre o futuro do campo.

Se há mais escolas e menos associações que no passado, isso poderia ser considerado um fator interno (intrassistema) que contribui para a desprofissionalização. Em resumo, a diminuição da articulação política das associações regionais e o enfraquecimento do vínculo com a FEBAB, seriam indicadores do complexo processo de desprofissionalização.

O sistema da profissão, cujo centro discursivo para a capacitação deveria estar centrado na FEBAB, caso não seja percebido integralmente, pode levar a desarticulação. As associações estão antes e além dos órgãos de fiscalização, pois caso o sistema de credenciamento assentado nos conselhos federal e regionais seja alterado por decreto, isto é, a desregulamentação da profissão seja forçada externamente via demanda parlamentar, as associações seriam as únicas instituições que restariam para adaptar os profissionais - sejam iniciantes ou já presentes no campo -, a um novo processo de credenciamento e regulação para atestar a qualidade dos serviços profissionais junto à população brasileira. Em outras palavras, não há saída para retardar ou evitar a desprofissionalização que não passe por depositar confiança nas associações.

O processo de desprofissionalização da biblioteconomia no Brasil deve ser ainda investigado, pois envolve diversos fatores. Aqui se apontou apenas para o que se considera um dos indicadores de seu aparecimento: o declínio das associações que representa a descentralização da narrativa sobre intenções da biblioteconomia brasileira frente à sociedade.

Apesar das limitações para desvendar as razões últimas do processo de desprofissionalização, deve-se especular sobre o fenômeno que atinge as associações. No caso brasileira, deve-se reconhecer que esse fenômeno não é novo. Almeida Júnior (1997), em uma publicação de 1985, já fazia a seguinte pergunta: o que faz um bibliotecário não participar (do movimento associativo)? O autor considerava como razões: complexo de inferioridade; descrença na importância da profissão; desconhecimento da real função social; crer numa biblioteconomia unicamente técnica; não pensar em si enquanto agente de transformação; não pensar em si como trabalhador assalariado e; considerar que as associações não podem fazer nada (Almeida Júnior, 1997, pp. 108-109).

A participação individual recorre a um imaginário sobre a profissão, muitas vezes

equivocado, bem como um conjunto de representações sociais que afetam a compreensão da profissão, das atividades desempenhadas, dos espaços de trabalho, da organização da profissão e da sociedade.

Nesse sentido, destacam-se quatro possíveis causas da diminuição da articulação das associações bibliotecárias no âmbito brasileiro. Essas hipóteses também foram antecipadas de certa maneira por outros autores (Almeida Júnior, 1997; Souza, 2009), a saber:

- a) identidade profissional;
- b) ideologia neoliberal;
- c) choque geracional;
- d) representatividade e reconhecimento social da profissão.

Isso não significa que sejam as únicas explicações, mas deve-se ter um ponto de partida para entender a raiz do processo de desprofissionalização que indica a diminuição na confiança nas associações.

Chama-se a atenção para a identidade profissional porque a ausência de uma consciência de grupo que seja revalidada continuamente com crenças e rituais afeta o sentimento de pertencimento. Quando um bibliotecário enfrenta um problema de censura em sua biblioteca pública no interior do país, outros colegas, cuja posição no sistema é mais abastada, tendem a desconsiderar a situação e não se manifestam com a devida solidariedade.

A fragmentação da identidade profissional proporcionada pela noção pós-moderna de que não há processos de formação de identidade coletiva, de classe, mas opções de identificação colhidas e descartadas de um mostruário aberto. Então, um bibliotecário que atua em uma biblioteca universitária tende a buscar os traços de identidade que o ligue à categoria dos bibliotecários de universidades e o status correspondente, sem se envolver com questões de outro segmento de identidade bibliotecária. Por outro lado, bibliotecários de bibliotecas públicas e escolares procuram construir uma sub

identidade e incluir nesta os estigmas decorrentes da falta de reconhecimento social dos atuantes neste setor. O mesmo vale para o bibliotecário que atua em empresa, que se percebe como bibliotecário moderno, empreendedor e bem sucedido porque materializou o projeto humano neoliberal, isto é, fez tudo por mérito próprio para chegar em tal posição. A fragmentação da identidade tende a desarticular os sujeitos, os quais não se veem comprometidos com grandes projetos ou causas angariados por uma associação que represente a todos. Em resumo, professam que uma associação geral não defenderia a sua identidade particular como bibliotecário. Considera-se que essa questão deve ser revisitada em outro momento.

O choque geracional (conflitos entre Baby Boomers, Geração X, Geração Y e Geração Z) ou a convivência nem sempre amistosa entre velhos e novos bibliotecários tende a diminuir a coesão social. Em um ambiente de trabalho plural como grandes bibliotecas e sistemas de informação é possível perceber a presença de etarismo em ambos grupos. Os mais experientes desconfiam do grau de compromisso e responsabilidade dos neófitos no campo, e os mais jovens tendem a atribuir os problemas da área aos que aqui já estavam quando concluíram a sua graduação, ademais da brecha tecnológica evidente entre eles.

Os conflitos geracionais dentro dos ambientes de trabalho obscurecem a compreensão dos motivos pelos quais bibliotecários mais experientes valorizam supostamente as associações de classe em relação aos mais novos. No caso do Brasil, os profissionais titulados nas décadas de 1970 e 1980 têm a consciência da necessidade de articulação política, porque não podiam se organizar para defender seus direitos no período da Ditadura Civil-Militar (1964-1985). Como essa memória histórica está ausente ou é reduzida entre os profissionais mais jovens, a ideia de que a articulação política e coletiva pode implementar um projeto de profissão e resultar em mudanças, seria algo exógeno. Supostamente, os mais jovens entendem que

o desempenho individual de um bibliotecário é o que fará a diferença para o reconhecimento e a manutenção da profissão na sociedade.

Por outro lado, a questão da representatividade e reconhecimento social é um dos fantasmas que assustam os praticantes. A falta de reconhecimento público é justificada pela pouca atenção dos governantes nos assuntos relacionados à promoção da leitura, no fomento de bibliotecas etc. Contudo, a percepção de uma profissão pelos indivíduos é dada por contatos diretos em situações reais. Nessa situação, quando há bibliotecários qualificados, estes escolhem deliberadamente cargos ou posições que representam prestígio (chefes de bibliotecas, diretores, gestores etc.) delegando aos menos qualificados ou trabalhadores com pouca capacitação a tarefa de estabelecer um contato direto com a população. O atendimento ao público em bibliotecas feito por estagiários ou pessoas sem nenhuma qualificação é a norma em várias bibliotecas.

Não é necessário ir longe para perceber que os currículos profissionais dedicam mais carga horária a disciplinas de classificação, indexação, gestão de sistemas, gestão de pessoas que em disciplinas voltadas ao público externo (atendimento ao público, ação cultural, serviço de referência etc.).

Tal fato adorna uma categoria mental subjacente que assume ser mais importante os cargos e postos de trabalho internos que atender diretamente o público externo. Contudo, a construção lenta da imagem social do bibliotecário depende de uma socialização direta com bibliotecários bem qualificados e não substitutos sem treinamento.

Em síntese, o reconhecimento social não é mero produto de uma propaganda de *marketing* ou peça publicitária bem montada, mas de um processo contínuo que se desenvolve lentamente em relações efetivas com a sociedade.

Como visto, a identidade profissional, a ideologia neoliberal, o choque geracional e o

reconhecimento social da profissão, devem ser analisadas para compreender a adesão de bibliotecários às associações. O declínio das associações e a desprofissionalização, precisam observar os fatores internos e externos ao sistema da profissão (macrossistema, microssistema e intrassistema).

4 Considerações Finais

A despeito da época em que foi proferido, em uma palestra em 1987, o argumento de Almeida Júnior (1997) continua sendo impactante:

Quando dizemos, então, que a participação do bibliotecário no movimentos associativo é nula, quase inexistente, estamos também afirmado seu total descompromisso com o seu trabalho, com sua ação, com sua atuação. (Almeida Júnior, 1997, p 125).

Em que pese as iniciativas de blogueiros e *youtubers* que romantizam o campo da leitura e das bibliotecas nas redes sociais, o pensamento estratégico da profissão para adaptar-se às mudanças e enfrentar os futuros desafios se dará pela articulação política em associações bem entrosadas com sindicatos, escolas, profissionais e sociedade.

O objetivo do trabalho foi entender os indicadores internos, mais precisamente, o declínio das associações bibliotecárias, como fator que impacta na desprofissionalização. Como percebido, as associações representam uma força fundamental para o planejamento da profissão.

As causas da falta de participação devem ser buscadas na análise do discurso dos praticantes (exemplo: identidade profissional, a ideologia neoliberal, o choque geracional e o reconhecimento social), bem como em diagnósticos da situação da profissão em seu próprio sistema (número de titulados, taxa de ocupação, taxa de filiação, desafios, disputas

internas e externas, concorrentes, grau de automação de tarefas etc.).

Espera-se que este trabalho tenha aberto o debate sobre a desprofissionalização e a necessidade de uma análise sociológica mais profunda sobre o tema.

Referências

- Abbott, A. (1988). *The system of professions: An essay on the division of expert labor*. The University of Chicago Press.
- Almeida Júnior, O. F. (1997). *Sociedade e biblioteconomia*. Polis.
- CFB, Conselho Federal de Biblioteconomia. (2021). Conselhos regionais. <https://cfb.org.br/conselhos-regionais/>.
- CRB-11, Conselho Regional de Biblioteconomia 11ª Região (2022). Links importantes. <https://www.crb11.org.br/link/>.
- CRB-6, Conselho Regional de Biblioteconomia 6ª Região (2020). Links importantes. <https://crb6.org.br/o-crb-6/links-importantes/>.
- Cunha, M. V. (2006). As profissões e as suas transformações na sociedade. Em M. V. Cunha, & F. C. Souza (Orgs.), *Comunicação, gestão e profissão: abordagens para o estudo da Ciência da Informação* (pp.141-150). Autêntica.
- Eco, U. (2008). *Apocalípticos e integrados. Perspectiva*.
- FEBAB, Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições. (2021-2024). Associações Filiadas. <https://febab.org/sobre/associacoes/>.
- Freidson, R. (1998). *Renascimento do profissionalismo: teoria, profecia e política*. Edusp.
- Maubant, P., Roger, L., & Lejeune, M. (2023). *Desprofissionalização*. Em B. O. Bueno (Org.), *Formação, profissionalização e*

- desprofissionalização docente (pp. 34-57). FEUSP.
- OIT, Organização Internacional do Trabalho. (2024, 31 de julho). IA Generativa e Empregos na região da América Latina e do Caribe: o fosso digital é um amortecedor ou um gargalo? <https://www.ilo.org/pt-pt/publications/ia-generativa-e-empregos-na-regiao-da-america-latina-e-do-caribe-o-fosso>.
- Santana, J. A., & Nunes, J. V. (2017). Ética profissional, deontologia e sindicalismo na biblioteconomia brasileira: múltiplas perspectivas históricas de atuação. *RDBCI: Revista Digital Biblioteconomia e Ciência da Informação*, 16(1). 56-77. <https://doi.org/10.20396/rdbc.v16i1.8649700>.
- Silva, R. A. da. (2019). Precarização do trabalho e o papel da organização coletiva do precariado: um olhar sobre a profissão de bibliotecário e o caso do sindicato dos bibliotecários de Minas Gerais. [Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Direito de Vitória]. Repositório Faculdade de Direito de Vitória. <http://repositorio.fdv.br:8080/handle/fdv/798>.
- Spudeit, D. F. A. O., & Führ, F. (2011). Sindicatos de bibliotecários: história e atuação. *TransInformação*, 23(3). p. 235-249. <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/6189>.